

# Funcionários de bancos americanos alertam para a situação brasileira

por Paulo Sotero  
de Washington

Funcionários de nível médio de vários bancos americanos, que acompanham de perto a cena brasileira, passaram a última sexta-feira escrevendo memorandos para seus superiores, a fim de alertá-los sobre a deterioração da situação interna no Brasil e o surgimento de fortes pressões políticas para que o País endureça sua posição com os credores externos. Alguns deles disseram ontem a este jornal que, por causa do fim de semana prolongado do "Thanksgiving", as informações sobre o pedido de demissão do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, e os tumultos da quinta-feira, em Brasília, não haviam chegado ainda à alta administração de seus bancos.

Na quarta-feira, tarde da noite, a rede de televisão Cable News Network, que transmite notícias 24 horas por dia, mostrou cenas dos incidentes de Brasília. "Eu achava que estava indo tudo tão bem no Brasil. De repente, ontem à noite, comecei a ver cenas de guerra em Brasília. O que está acontecendo?", perguntou, assustado, um corretor do mercado de "commodities". "Medidas econômicas provocam irados protestos de rua", noticiou o jornal Washington Post de ontem, nas páginas internas, reproduzindo o relato da UPI sobre os incidentes em Brasília. O New York Times, que também publicou uma nota sobre os tumultos na capital, deu a notícia do pedido de demissão recusado do ministro da Fazenda com grande destaque, na primeira página de seu caderno econômico.

Depois de observar que a deterioração das contas externas brasileiras minou a posição de barganha do País frente aos credores e aumentou a pressão interna por um endurecimento com os credores, o correspondente do Times no Brasil, Alan Riding, escreveu: "Banqueiros estrangeiros disseram que quando os funcionários brasileiros se encontrarem com os representantes dos governos credores, no mês que vem, devem esperar ouvir novos pedidos, como a aceitação da orientação do FMI na definição de políticas econômicas, como parte da reestruturação da dívida".

A julgar pela reação de espanto que um alto execu-

tivo de grande banco de Nova York teve diante das más notícias do Brasil, ao ser alcançado por este jornal na sexta-feira em sua casa de praia, os banqueiros levarão um susto quando retornarem ao trabalho nesta segunda-feira. O banqueiro evitou especular sobre qual será a reação dos bancos, na hipótese de o governo brasileiro decidir suspender os pagamentos da dívida externa nas próximas semanas, para estancar a erosão das reservas cambiais do País. As dúvidas sobre a posição de Funaro, os discursos pró-moratória feitos por líderes do PMDB e os graves acontecimentos de Brasília poderão ter, segundo uma outra fonte financeira, um efeito paralisante na renovação de linhas de crédito de curto prazo.

Igualmente afetada poderá ser a operação de emissão de US\$ 250 milhões em notas no mercado do Eurodolar, que está sendo montada pelo Chase Manhattan Bank, o First Interstate da Califórnia e o banco de investimentos inglês Samuel Montagu, do grupo Midland. O objetivo desta operação, segundo uma alta fonte financeira, é o de dar uma injeção de confiança no mercado, viabilizando "a volta do Brasil ao mercado mesmo na ausência de uma reestruturação da dívida". Mas os últimos acontecimentos provocarão, na certa, uma revisão desse cálculo.

## VISITA DE CONABLE GANHA IMPORTÂNCIA

O súbito agravamento da situação foi recebido com apreensão também no Banco Mundial (BIRD), cujo presidente, Barber Conable, chega ao Brasil nesta semana, na primeira visita que faz a um país-membro do BIRD. Uma fonte do banco disse que a visita de Conable deverá ganhar importância e complexidade porque o governo brasileiro provavelmente procurará alertá-lo sobre as consequências graves que poderão advir de atitudes muito rígidas dos governos credores do País para renegociar a dívida com o Clube de Paris. Segundo a fonte, Conable, um ex-deputado republicano que foi escolhido para presidência do BIRD pelo secretário do Tesouro americano, James Baker III, poderá vir a ter um papel decisivo para evitar que o governo e os credores adotem posições extremas.